PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 2 (2026), p. 197-202 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i2.80905

A EDUCAÇÃO COMO FUNDAMENTO DA CONCRETIZAÇÃO DA MENTIRA NOBRE DEFENDIDA POR SÓCRATES N'A REPÚBLICA DE PLATÃO[1]

EDUCATION AS THE FOUNDATION FOR THE REALIZATION OF THE NOBLE LIE ADVOCATED BY SOCRATES IN PLATO'S REPUBLIC

Ricardo Leon Lopes[2]

Resumo:

Platão critica os poetas, notadamente, Homero e Hesíodo sobre as narrativas de deuses realizando atos desairosos uns contra os outros e, também, com os mortais, bem como em relação aos reis e heróis; elementos que caracterizariam, segundo Platão, uma "mentira sem nobreza". Portanto, não poderiam ser ensinados às crianças na Politeia platônica, pois corromperiam, no curso da educação destes, as almas dos futuros cidadãos, e, os possíveis guardiões da cidade. Os irmãos de Platão, Gláucon e Adimanto, e Sócrates, chegam à conclusão que a geração atual dos cidadãos atenienses, não aceite as ideias constantes nos três vagalhões, destacando: a mulher ser uma guardiã, e, o filósofo ser escolhido como o guardião da cidade. Para que isso aconteça, será preciso por meio da educação, utilizar uma "mentira nobre", ou seja, que cada jovem realize a partir da função que, de fato, tenha a aptidão, somente uma tarefa.

Palavras-chave: Politeia; Platão; mentira sem nobreza; mentira nobre; educação.

Abstract:

Plato criticizes the poets, nobly Homer and Hesiod, on the narratives of gods performing defiant acts against each other and, also with mortals, as well as in relation to kings and heroes; elements that would characterize, according to Plato, a "lie without nobility". Therefore, children could not be taught in Platonic Politeia, for they would corrupt, in the course of their education, the souls of future citizens, and the possible guardians of the city. Plato's brothers, Glaucon and Adimanto, and Socrates, come to the conclusion that the current generation of Athenian citizens does not accept the ideas contained in the three waves, highlighting: the woman being a guardian, and the philosopher being chosen as the guardian of the city. For this to happen, it will be necessary for education to use a "noble lie", that is, that each young person performs from the function that, in fact, had the aptitude, only one task.

Keywords: Politeia; Plato; Lie without nobility; Noble lie; Education

[1] Texto apresentado, oralmente, em 2022, após a data inicialmente programada, devido a pandemia da Covid 19, no 4th International Congress of the Portuguese Philosophical Society Braga, University of Minho, 9 and 10 September 2021. Não houve a publicação do texto dos participantes pelos Organizadores do Congresso.

[2] Professor Doutor Associado IV da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Curso de Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) e do Mestrado Profissional em Filosofia, Campina Grande, Paraíba, Brasil. ricardoleon@uol.com.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/1187815852022965

I A mentira sem nobreza

O sentido de mentira é extremamente importante na obra *A República* de Platão, pois se refere a dois momentos distintos: inicialmente aparece a expressão "a mentira sem nobreza" (Platão, 2012:87-88, 377d-e), quando Platão critica, nas palavras de Sócrates, os poetas, notadamente, Homero e Hesíodo, por apresentarem, em seus cantos, os deuses realizando atos incompatíveis com a estatura dos mesmos, conforme percebemos em algumas passagens da obra, as quais destacamos:

. As lutas dos deuses com os deuses (Platão, 2012:89, 378 c-d);

. Zeus projetando o seu filho Hefestos a distância, quando este estava batendo em sua mãe, Hera (Platão, 2012:89, 378d);

O sonho enganador incutido por Zeus em Agaménon (Homero *apud* Platão, 2012:89, notas de rodapé 23 e 24);

. Cronos ferindo a Uranos, quando da tentativa deste de se relacionar com Reia (Hesíodo *apud* Platão, 2012:88, notas de rodapé 18 e 19); além de outras situações. Cito Sócrates:

> É o que acontece quando alguém delineia erradamente, numa obra literária, a maneira de ser de deuses e heróis, tal como um pintor quando faz um desenho que nada se parece com as coisas que quer retratar (Platão, 2012:88, 377e).

Nesse sentido, a crítica de Platão aos poetas é fundamental, devido às narrativas dos mesmos serem utilizadas na educação dos jovens gregos, causando prejuízos a estes, ao iniciarem o processo de formação como futuros cidadãos, assimilando caracteres deformadores e desrespeitosos acerca dos deuses de sua civilização. Ainda, como exemplos: os sentimentos de ciúmes, a raiva entre eles, e a proteção que Zeus queria dar ao seu filho Sarpédon que estava destinado a morrer em batalha contra os troianos, etc. (Platão, 2012:106, nota de rodapé 18).

II Deus é bom e não é feiticeiro

Contrariamente, à mentira já referida, na Politeia pensada por Platão, essa formação que marcaria indelevelmente a alma dos jovens, com relação ao divino, não poderia acontecer, ainda mais, que, o filósofo ateniense apresenta a concepção que ele tem dos deuses, conforme as seguintes leis: o deus é bom (Platão, 2012:91-98, 379c, 383a), portanto, não pode ser a origem do mal; e o deus não pode ser feiticeiro (Platão, 2021:95, 381d), transmutando-se em outras formas de figuras, como por exemplos: Zeus transformando-se em forma de cisne, a fim de seduzir as mulheres mortais, e, quando a deusa Atenas caracteriza-se na figura de Deífobo, irmão de Heitor, a fim de distrair este, durante a batalha mortal contra Aquiles, general dos Aqueus (Homero, s/d:242-243). Na educação dos jovens não se pode ensinar esses caracteres deformadores dos deuses gregos, àqueles que assumirão funções importantes na kallipolis, a bela cidade. No Livro III, a preocupação de Platão quanto à educação, refere-se também às imagens que os poetas caracterizavam os heróis gregos, notadamente, entre outras, Aquiles ao cobrar tributos do Rei de Troia, Príamo, quando este foi ao acampamento dos gregos, a fim de resgatar o corpo de Heitor, para que os troianos pudessem realizar as exéquias do general troiano.

III A Educação na Politeia platônica

Além disso, na crítica aos poetas, Platão preocupa-se, a partir desse modelo de educação, com a questão da *mimesis*, a imitação (Platão, 2012:116-117, 393c-e), principalmente, quando se procura mostrar os caracteres falsos dos deuses, reis e heróis, aos jovens que, futuramente, poderão imitá-los erroneamente, em funções tão importantes que realizarão na República platônica. Isso fica evidente quando Platão afirma:

> Se os futuros guardiões tiverem que *imitar* algo, que imitem desde a infância os caracteres de coragem, de sensatez, pureza, liberdade, (Platão, 2012:120, 395c).

Ora, neste momento, de nossa análise, percebemos que o ato de mentir, como fazem os poetas, não pode ser característica do futuro guardião da cidade. A única exceção a essa regra é o uso da mentira pelo guardião, por ser o chefe da cidade, para poder beneficiá-la. As demais pessoas não podiam provar desse recurso, pois em mentindo teriam que ser castigadas por introduzirem "[...] costumes capazes de derrubar e deitar a perder uma cidade, tal como se fosse um navio." (Platão, 2012:108, 389d).

IV Os modelos de cidade imaginados e a mentira nobre

Portanto, o que seria a mentira nobre, a fim de que o modelo de educação pensado por Platão pudesse ocorrer em sua Politeia? A resposta encontra-se no Livro IV, como veremos adiante em nossa exposição, que decorre do debate entre os irmãos de Platão, Gláucon e Adimanto, e Sócrates, sobre os dois modelos de cidades, criadas em **imaginação** (Platão, 2012:72, 369a-c). Resumidamente, destacamos: a primeira cidade, organizada de forma simples, baseada na realização de atividades necessárias para a sobrevivência dos seus habitantes: o alimento, a habitação, e o vestuário (Platão, 2012:73, 369d). A essa forma de organização, Gláucon vai denominá-la, pela sua simplicidade, criticamente, de cidade dos porcos (Platão, 2012:78, 372 d). A partir dessa imagem, o segundo modelo, mais complexo de cidade, precisa para a realização das necessidades de seus habitantes, pessoas que desempenharão as seguintes funções: caçadores, imitadores, artífices de adereços femininos, pedagogos, amas, cabeleireiros, médicos, pedagogos, poetas e seus servidores (profissionais da recitação: rapsodos) (Platão, 2012:80, 373c). Ao longo do tempo, com o crescimento demográfico, há a exigência de criação de um exército (Platão, 2012:81, 374a), a fim de defender a cidade, e, para que os seus habitantes tenham o alimento para sobreviverem, ampliar o seu espaço territorial, mesmo tirando terras de cidades vizinhas.

Acrescento eu, como decorrência natural dessa complexidade, haverá, também, a preocupação da escolha de um governante para administrar a cidade, que não poderá ser qualquer indivíduo, mas aquele mais preparado para a realização dessa função, que será resultado de um novo modelo de educação, diferentemente da educação, somente, realizada por meio dos cantos dos poetas gregos. Esse novo modelo de educação será para as crianças, sob a tutela da República, baseado na prática da ginástica, para o corpo, e da música, para a alma, incluindo nesta última, a literatura, ou as fábulas, porém não as falsas (Platão, 2012:87, 377b-c), como às dos poetas, que já destacamos anteriormente, que provocam consequências terríveis à alma das crianças.

Portanto, a educação ministrada na República proporcionará, durante o seu desenvolvimento, verificar e atestar as potencialidades e práticas efetivas dos jovens, a fim de que possam assumir funções importantes na cidade: a governança, a realização da guerra quando necessária, as atividades de comércio, e de demais artífices, como ferreiros, sapateiros e outros, bem como, segundo a conversa de Sócrates com Gláucon, com a anuência de Adimanto, avançar na descoberta de como a justiça e a injustiça se originam na cidade. (Platão, 2012:85, 376d).

V A justiça na cidade: que cada homem execute uma só tarefa

Porém, há uma exigência na realização dessas funções: o indivíduo só poderá realizar uma única função, sendo esta a melhor que ele possa fazer (Platão, 2012:124, 397e).

A importância do modelo de educação na República está caracterizada, minimamente por nós, e poderemos compará-la com o modelo da cidade real, Atenas, que aceitava na formação dos jovens as fábulas falsas, consequentemente, conforme Platão, gerando prejuízos aos habitantes da cidade e aos cidadãos. Podemos compreender tal aspecto, utilizando-nos de Aristóteles, em sua obra a Política, quando afirmava que os atenienses procuravam o melhor médico para cuidar da saúde, o melhor calculista para a construção de uma casa, o melhor artífice em determinada função, mas, quando da governança, aceitavam qualquer um que se candidatasse, mesmo com o risco de não ser apto para tal.

A partir do exposto, uma questão se impõe: os cidadãos da cidade real, Atenas, aceitariam o modelo de educação da Politeia de Platão, o qual norteia a escolha das funções que os jovens, quando chegarem à idade acima de 18 anos, deverão realizar na cidade imaginada?

Gláucon dá-nos a seguinte resposta: Esta geração não, pois será necessário, Sócrates, que as novas gerações da cidade real conscientizem-se de que o modelo de educação da nossa Politeia é o melhor para ser realizado.

Agora, cabe-nos, explicar a afirmação de Sócrates, da necessidade de se utilizar de uma mentira nobre, a fim de se caracterizar, a partir da educação, os que serão escolhidos para a realização das diversas funções na Politeia. Cito Sócrates:

> E agora, como arranjaremos maneira de, com uma nobre mentira, daquelas que se forjam por necessidade, e de que há pouco falávamos, convencer disso, sobretudo os próprios chefes, e, se não for possível, o resto da cidade? (Platão, 2012:154, 414b-c).

Sobre o questionamento acima de Sócrates, sobre se há algum expediente para os atenienses acreditarem no mito dos metais, Gláucon responde-lhe:

> Nenhum, para que esses homens creiam nele; mas talvez para os filhos deles, para os que vierem após eles, e os demais homens (Platão, 2012:157, 415d).

Para tanto, Platão utiliza-se do Mito dos Metais, de origem fenícia, ligado a Cadmo, adaptando-o para a sua caracterização dos metais que as almas dos jovens revelassem, em sua natureza, durante o processo de educação, atestados por juízes que acompanhavam o desenvolvimento e os interesses demonstrados pelos mesmos, durante a formação deles, conforme Livro III (2012:155-156, 415a-c): ouro, aos aptos para governarem; prata, para os auxiliares, notadamente, os

guerreiros; ferro e bronze, para os lavradores e demais artífices.

Ou seja, durante a educação ministrada aos jovens, cada um deles compreenderia, em decorrência da atividade, daquela que executa com mais habilidade, e, portanto, restringindo-se somente a essa, o metal correspondente, de acordo com a classificação acima, que melhor lhe corresponderia.

O deus que modelou e misturou os metais às almas dos jovens recomenda aos chefes que vigiem as crianças com todo o zelo.

> [...] em primeiro lugar e acima de tudo, que aquilo em que devem ser melhores guardiões e exercer a mais aturada vigilância é sobre as crianças, sobre a mistura que entra na composição de suas almas (Platão, 2012:156, 415b-c).

Ao ser questionado por Adimanto, se esses homens seriam felizes assim, Sócrates responde-lhe afirmativamente:

> [...] e ainda por cima ganham o seu sustento, mas não recebem salário nenhum além da alimentação, como os restantes, de tal modo que não lhes será lícito viajar por conta própria, se quiserem, nem dar dinheiro a cortesãs, nem efectuar, em qualquer outro lado que lhes apeteça, aquelas despesas que fazem os homens que são considerados felizes. (Platão, 2012:161, 420a).

Ainda,

> Diremos que não seria nada para admirar, se estes homens fossem muito felizes deste modo, nem de resto tínhamos fundado a cidade com o fito de que esta raça, apenas, fosse especialmente feliz, mas que o fosse, tanto quanto possível, a cidade inteira. [...] Ora, presentemente, estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando à parte um pequeno número, para os elevar a esse estado, mas a cidade inteira. (Platão, 2012:162, 420b-c).

Para caminharmos para o final de nossa exposição, esperando ter demonstrado a importância da mentira nobre na educação e na escolha das atividades que esses futuros cidadãos exercerão na cidade, vejamos os resultados da fundação dessa cidade sábia, corajosa e temperante, faltando, porém, caracterizar como se dá a justiça na cidade, em busca de que todos os cidadãos tenham o mesmo ritmo e harmonia, para o estabelecimento da concórdia. Sócrates afirma:

> A coragem e a sabedoria encontram-se num só lado da cidade. A temperança estende-se completamente por toda a cidade, pondo-a todos a cantar em uníssono na mesma oitava, tanto os mais fracos, quanto os mais fortes [...] A temperança é esta concórdia, harmonia, entre os naturalmente piores e os naturalmente melhores, sobre a questão de saber quem deve comandar, quer na cidade quer no indivíduo. (Platão, 2012:182-183, 431e, 432a).

Portanto, a justiça, é a ”posse do que pertence a cada um e a execução do que lhe compete” (Platão, 2012:187, 433e, 434a), conforme já explicamos anteriormente, agora com mais ênfase e clareza nas palavras de Sócrates:

> O problema está aqui, em se cometer uma injustiça, caso um artífice ou negociante tentar passar para a classe dos guerreiros, ou um guerreiro para os dos chefes ou guardiões, sendo indigno disso [...] ou quando o mesmo homem tentar exercer estes cargos todos ao mesmo tempo (Platão, 2012:187, 434b).

Um homem realizando essa mudança, sem que tenha a habilidade para executar uma função da qual não tem preparo para fazer, contrariando o metal correspondente à sua alma e a tarefa que lhe cabe, traria a confusão e a ruína da cidade, praticando dessa forma uma injustiça.

Pois da mesma forma que chegamos à virtude da justiça na cidade, também podemos verificar a sua presença ou ausência, na teoria das três partes da alma de Platão: primeira, há a alma racional, pela qual raciocinamos. Esta é menor parte da alma; segunda, há a alma irracional ou concupiscente, a maior parte da alma, pela qual se ama, tem fome e sede e outros desejos (Platão, 2012:197, 439d-e); terceira, a irascível, pela qual nos irritamos; e às vezes ela luta contra os desejos. No diálogo Fedro (Platão, 1986:72-74, 254d-e, 255a) na descrição do mito da parelha de cavalos há a necessidade da parte menor, a Razão, na figura do cocheiro, de comandar as demais partes, na figura de dois cavalos, representando as almas concupiscentes e a irascível, um querendo deslocar-se para a esquerda e outro para a direita, de assumir o comando e ter o controle das rédeas dos cavalos fazendo-os seguir a direção adequada a ser alcançada.

Segundo Sócrates:

> A temperança é no indivíduo e na cidade, quando o governante e os dois governados concordam em que é a razão que deve governar e não se revoltam contra ela? (Platão, 2012:202, 442d).

Ou seja, nas três partes da alma, e, significativamente, na cidade, quando as partes maiores da cidade: os homens de alma de ferro e bronze, e os de alma de Prata, aceitam, e dão a sua concordância, decorrente da educação que tiveram, que a parte menor, ou seja, o guardião, pelas suas virtudes, seja o governante.

Certamente, estas análises, possibilitam novas considerações teóricas acerca da obra *A República* de Platão, mas no escopo de nossa apresentação, esperamos ter caracterizado a importância da mentira nobre no modelo de educação da Politeia, e as suas exigências para que o guardião, ou seja, o filósofo, seja o governante da bela cidade, por meio de uma forma de constituição que é una, embora se designe de dois modos: a monarquia (quando um homem só se distingue) e a aristocracia (os melhores, quando houver um número maior de homens). Sócrates afirma:

> Essa única forma de constituição não abalarão as leis importantes da cidade, desde que tenham a educação e a instrução que expusemos. (Platão, 2012:208, 445e).

Referências bibliográficas

Homero (s/d), *A Ilíada*. Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes, Ilustrações de Edmundo Rodrigues, Rio de Janeiro: Grupo Ediouro – Editora Tecnoprint S.A.

Platão (2012). *A República*. Introdução, Tradução e notas de Maria Helena de Rocha Pereira. 13ª. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão (1986). *Fedro*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 3ª. edição. Lisboa: Guimarães Editores, LDA. 1986.

Recebido em: 08/2026
Aprovado em: 08/2026